

A ESCOLA PRIMARIA

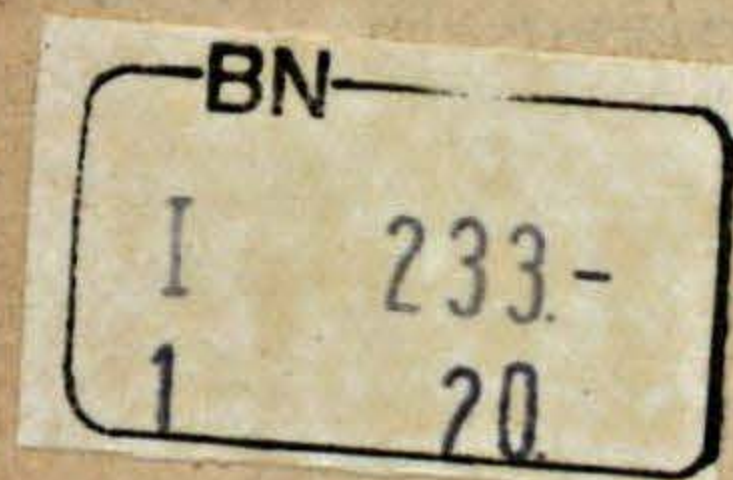
Revista de Educação

SUMMARIO

—	Necessidade de repouso
<i>Maria do Carmo Vidigal de São</i>	Loreto Machado
<i>Payo</i>	Antonio Rodrigues da Silveira
<i>Arthur Magioli</i>	Autonomia Escolar
<i>José Piragibe</i>	Bibliotheca Escolar
<i>Firmino Costa</i>	A Revista Nacional de Educação
<i>M. A. Teixeira de Freitas</i>	O Hymno Nacional
—	Lingua Materna
<i>Pedro A. Pinto</i>	Tres Palavrinhas
<i>Mestre Escola</i>	Educação Moral e Cívica
<i>Othello Reis</i>	Educação Rural
<i>Mathilde Marmo</i>	Plano de trabalho a ser executado pelas turmas
<i>Maria E. Vairão</i>	do 1.º ano da Escola A. Joviano

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 174



RIO DE JANEIRO

BRASIL

d' A Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferencias pedagogicas. Artigos doutrinarios. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem exellente guia para o professor

PREÇO } encadernada: 16\$000
 em avulsos: 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção

d' "A ESCOLA PRIMARIA"

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

EM

CAMBUQUIRA

Procurai

"ELITE HOTEL"

O QUE MAIS CONFORTO OFFERECE AOS SENHORES VERANISTAS — O MELHOR DE TODAS AS ESTANCIAS HYDRO-MINERAES DO BRASIL

Rivalisa com os mais modernos hotéis do Rio de Janeiro

Apartamentos luxuosos, amplamente ventilados e dotados de installações electricas, agua corrente, etc.

Em todas as peças do edificio predominam a elegancia e o bom gosto

As diarias vão de 15 a 20\$000, conforme os dormitórios. Os professores gozarão, a pedido da direção desta revista, de uma redução de 10% quando acompanhados de familia.

Para mais informações dirigir-se ao proprietario

JULIO DE ANDRADE LEMOS

OU A ESTA REDACÇÃO

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Directores responsaveis:
 ALFREDO CESARIO DE F. ALVIM e
 RUY CARNEIRO DA CUNHA
 Superintendentes do Departamento de Educação

ASSIGNATURAS:
 Para o Brasil } um anno.... 12\$000
 } 6 mezes..... 6\$000
 REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174

SUMARIO

Necessidade de repouso
 Maria do Carmo Vidigal de São Pavo Loreto Machado
 Arthur Magioli Antonio Rodrigues da Silveira
 José Piragibe Autonomia Escolar
 Firmino Costa Bibliotheca Escolar
 M. A. Teixeira de Freitas A Revista Nacional de Educação
 O Hymno Nacional

Pedro A. Pinto Lingua Materna
 Mestre-Escola Tres Palavrinhas
 Othello Reis Educação Moral e Civica
 Mathilde Marmo Educação Rural
 Maria E. Vairão Plano de trabalho a ser executado pelas turmas do 1º ano na Escola A. Jov ano

A NECESSIDADE DO REPOUSO

Nunca será demasiado encarecer a necessidade do repouso para os que trabalham. E mais que todos, ou do que quasi todos é estafante, extenuante, o serviço de ensinar. Poucos os extranhos ás classes magistraes, que o comprehendem e apreciam devidamente: para a maioria, a profissão do mestre é até das mais suaves e descansadas. Ignoram, ou fazem por ignorar, que o professsr jamais cessa de estudar; que precisa de estar em dia não só com os conhecimentos geraes, mas com os adeantamentos da arte de transmittil-os; que seu labor não se limita ás horas strictas do funcionamento diario das escolas, mas que ha trabalhos a preparar, a corrigir em casa, e preoccupações constantes por motivo do proprio cargo. Não póde o mestre, como o burocrata, ou o industrial, ou o commerciarario, encerrar o expediente ou o trabalho a horas certas, fechar a portinhola, a gaveta, o bureau, a officina. Seu repouso é como o do cerebro: só durante o somno, si ainda este não é agitado pelas angustias e preoccupações da vigilia.

Nada mais justo, pois, se nos affigura do que o appello que hoje queremos endereçar ás autoridades do ensino, para que providenciem desde cedo

no sentido de ser assegurado á classe do magisterio primario o gozo integral de suas férias.

Que a administração não retenha seus dedicados auxiliares com serviços complementares ou outras actividades culturaes durante esse periodo sagrado; que as associações de classe favoreçam a retirada dos professores para as estações de repouso e de cura, obtendo para isso, quanto possivel, o auxilio da propria administração. Não se trata apenas de beneficiar ao individuo, mas de assegurar o rendimento de ministros ou auxiliares, de cujo pleno florescimento mental depende a qualidade do ensino e da educação, que lhes cumpre transmittir e crear.

Não desejamos, certamente, censurar, inda que veladamente, mas é forçoso convir que algumas vezes são os professores espoliados, na melhor das intenções, de grande parte de seu periodo de repouso, por actividades si não exigidas, pelo menos desejadas pelos superiores. Lembrem-se estes sempre de que ha mais lucro em tel-os repousados e bem dispostos, do que em exauril-os. Não se pode pôr de lado a physiologia; antes é necessario trabalhar com ella.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção: Rua Sete de Setembro, 174

LORETO MACHADO

Nome de relevo no magisterio, Maria do Loreto Gomes da Cunha de Oliveira Machado, ha pouco tragicamente desaparecida do cenário da vida, deixando uma grata lembrança e uma saudade imorredoura no coração de de sua familia e de seus inumeros e sinceros amigos, legou-nos tambem um traço bem acentuado de sua personalidade e um exemplo do quanto podem a força de vontade e a compreensão do dever, no espirito daqueles que vieram ao mundo destinados a cumprir missão especial.

Dotada de inteligencia pronta e clara; de grande energia e capacidade de trabalho, distinguiu-se pelo espirito de organização e decisão imediata ainda nos casos mais complexos que lhe eram dados a resolver.

Severa, por vezes, nas exigencias do trabalho — pela razão mesma de não conhecer o «impossivel», dava o exemplo da atividade que anima e da obediencia, a serviço de um espirito reto e disciplinado. Amiga de seus amigos, sabia valorizar e distinguir as auxiliares que a cercavam. Foi sempre uma das maiores defensoras da classe e uma das grandes incentivadoras dos nossos metodos e processos de ensino.

Evoluida mentalmente, culta e apaixonada dos problemas de «educação e ensino», animada sempre por um profundo espirito de renovação, as reformas que se fizeram no terreno pedagogico encontraram, em Loreto Machado, o entusiasmo que conduz e a força invencível que realiza.

Nomeada, em 1923, inspetora escolar, foi Loreto Machado designada para o antigo decimo sexto distrito, que então constituia a zona suburbana remota. Já anteriormente, e em caráter interino, inspecionára, a saudosa extinta, o antigo primeiro distrito, não logrando ser efetivada, porque, após a nomeação da inescusável educadora Esther Pedreira de Mello, em 1910, para o elevado cargo, nenhuma outra mulher conseguira romper as muralhas da inspetoria escolar, relegadas as professoras para plano inferior, por uma lei do Conselho, que, assediado pelos candidatos politicos do sexo masculino proibia a nomeação de senhoras para esse cargo.

O prefeito Alaor Prata, cujo espirito réto, independencia de atitudes e rigidez de caráter, colocaram-no no primeiro plano entre os administradores integros, extinguiu essa lei odiosa, baixando decreto especial, em Maio de 1923, para que sobre ele legislasse o Conselho em virtude do qual era permitido o ingresso indistinto e equitativo de elementos de ambos os sexos e entre eles, dos educadores primarios, na inspeção do ensino.

Coube a Loreto Machado ser distinguida com os justos favores da lei, por ter sido a reivindicadora, para sua classe, do direito ao exercicio do referido cargo, que hoje se denomina, «superintendente de ensino.»

Efetivada logo após e designada para remodelar o antigo 20º distrito que, nessa época, como atualmente, compreendia toda a vastissima e nesse tempo, inacessível zona de Guaratiba e toda a parte rural de Jacarépaguá e Santa Cruz, revelou-se Loreto Machado a funcionaria zelosa, cumpridora de deveres, resoluta e energica, a educadora admiravel que edificará pelo exemplo e entusiasmava pela palavra insinuante, pensamento firme e arraigado espirito de patriotismo.

Aí permanecendo tres anos, viajando ora a cavalo, ora a pé, em condições precarias, subindo e descendo morros; atravessando a bote o canal que ligava a Pedra à Barra de Guaratiba, jamais encontrando dificuldades invencíveis, Loreto Machado de tal maneira impressionou à Alta Administração do Ensino Municipal, pela atuação decisiva, coragem, abnegação, criterio tecnico que imprimia ao serviço escolar, arte de administrar, exposição de metodos e orientação de processos, que, em pouco, lhe era conferido o premio ao seu real valor e comprovada eficiencia de trabalho.

Foi o exemplo de Loreto Machado benéfico ao magisterio e ao ensino: hoje, professores primarios, em exercicio efetivo ou interino do cargo de superintendentes, constróem esta obra formidável da educação, que só os educadores de carreira podem fazer com a tecnica, a precisão, o entusiasmo, o espirito de abnegação dos verdadeiros apóstolos de uma doutrina do bem.

Loreto Machado merece a gratidão do ma-

gisterio primario do Distrito Federal, não só por isso, como tambem pela atuação brilhante revelada na presidencia da Associação dos Professores Primarios, de que foi a socia numero um (1), pela coragem em resistir ás dificuldades que sempre se apresentam a uma obra de vulto; pelo seu poder de trabalho desinteressado, pela propaganda inteligente que soube fazer da A. P. P., hoje um dos fortes esteios da União Nacional de Educadores.

A' custa de trabalho e resistencia, de idealismo e crença, Loreto Machado, que enviuvou muito moça ainda, com tres filhinhas de menor idade, cujo futuro precisava assegurar, venceu pela força extraordinaria e invencível que dá á mulher o amor materno; pelo alento que traz à vida a doçura do afeto filial; pelo estímulo que imprime ao trabalho o desejo de ser util bom e de cumprir um destino para o qual força misteriosa nos atráe e conduz. Em contato com as crianças pobres, Loreto Machado, que sempre foi profundamente emotiva, revelava-se a mãe carinhosa, a mulher de sentimentos delicados e a educadora que sente que a finalidade da vida é tornar mais doce

e mais felizes outras vidas que nos rodeiam, a exhibir-nos as suas dores e as suas miserias. Mereceram-lhe, por essa razão, as obras sociais peri-escolares, especial cuidado. Com que encanto sabia Loreto Machado conduzir as reuniões dos «Círculos de Pais», das «Associações Post-Ecolares» e outras; com que eplevo assistia à distribuição diaria do copo de leite nas escolas, que inspecionava e animava no antigo 9.º distrito, onde mais se afirmaram os seus dotes excepcionais de administradora conciente e conhecedora dos problemas sociais da escola moderna. Incorporando-se á corrente reformadora de Fernando de Azevedo, Loreto Machado imprimiu ás escolas do 9.º distrito reorganização modelar, fundando obras sociais de insofismavel valor educativo.

Não morrem espiritos como os de Loreto Machado, que viverá, eternamente, na lembrança daquelles que com ela privavam, que lhe beberam os ensinamentos, que a conheceram boa, simples, desinteressada e amiga dedicada!

Maria do Carmo Vidigal de São Payo.

Antonio Rodrigues da Silveira

Falleceu Rodrigues da Silveira!

E' mais um dos Inspectores Escolares da velha guarda que desaparece; já de ha muito vivia afastado da actividade.

Aposentára-se ainda forte e capaz de continuar a prestar bons serviços á causa do ensino.

Médico, tinha uma regular clinica que o auxiliava a viver, e acredito mesmo que o grande amor pela profissão o tivesse compelido á resolução tomada.

Conheci-o tempos depois de o haver substituído no 12º districto, Iilhas, de onde se afastára por licença.

Houve por essa época uma certa agitação na sua vida. Quando se apresentou para reiniciar o exercicio do cargo teve a surpresa de saber que fôra demittido por abandono de emprego.

Não se conformando com tal decisão accionou a Prefeitura, vencendo-a.

Ainda se conservou afastado por algum tempo e só depois de com ela accordar voltou ao trabalho.

Foi por essa época que nos encontramos e que uma boa e leal amizade nos uniu até sua morte.

A impressão que Rodrigues da Silveira dava á primeira vista não era das melhores.

Avesso á dissimulação, ignorava a arte de fingir, ocultando por traz da máscara de amabilidade, a franqueza rude que o caracterisava. Apresentava-se tal qual era, despreocupado por completo da impressão causada, e daí as expressões do trato.

No entretanto de quanta delicadeza, de quanto carinho, de que extraordinaria bondade era elle dotado! Coração sempre aberto á generosidade foi um bom na accepção rigorosa da palavra.

De temperamento impulsivo não podia, muitas vezes, sopitar a violencia de um gesto característico de contrariedade. Esta, por mais insignificante que fosse, o faria vibrar, muito embora pouco após á explosão succedesse a mais completa calma e o arrependimento do impulso incontido.

E' muito commum nas coletividades grupos se formarem pela afinidade dos temperamentos, gostos etc.

A corporação dos Inspectores Escolares não fugia á regra.

Fabio Luz, Esther de Mello, Baptista Pereira, Silveira e o autor destas linhas constituíam um agrupamento que afinava perfeitamente pelo mesmo diapásão. De todos nós o Silveira podia-se chamar o poder moderador, porquanto, não obstante ser o de maior vibratibilidade, melhor atuava e mais conseguia.

Frequentadores assíduos da saudosíssima sala dos Inspectores Escolares, de nenhuma questão se tratava que não estivesse á frente este grupo de agitadores. A's 13 horas, 13 e pouco, lá estava o Silveira, que, infalivelmente, se retirava, após o café preparado pelo Raul, ás 14 ou 14 e meia, o mais tardar, isso mesmo quando questões de importância agitavam a classe. A profissão o chamava, ia dar consultas na pharmacia Alotti, ali na rua da Alfandega perto da dos Andradas, o que inflexivelmente fazia quer chovesse, quer fizesse sol. A's veses saíamos os dois juntos e descíamos a pé a rua da Alfandega, caminho da pharmacia, em palestra amistosa sobre assumptos varios. Nestas ocasiões o Silveira se expandia, mostrando-se o grande coração que era, o critico severo e desapaidado de elevados dotes moraes.

Estudioso, tinha vasta cultura quer medica, quer pedagogica, o que lhe proporcionava grande autoridade no exercicio de qualquer das duas funcções, medico e Inspector Escolar.

Foi um sincero amigo dos professores o que no entretanto jamais o impediu de ser rigoroso cumpridor de deveres.

Assumia sempre posição definida quando se agitavam questões relativas ao ensino. E ás suas atitudes desassombradas deveu o prestigio de que gosava.

Exemplarissimo chefe de familia, experimentou horas amargas quando, nos predromos da revolução de 30, teve um filho preso por longos mezes.

Aposentado, vivia na sua chacara do Saco de S. Francisco, entregando-se exclusivamente á clinica. Jamais deixou de procurar os velhos amigos, ouvindo-lhes as novidades e comentando-as com espirituosa ironia. E, suavemente, pelo coração,

lá no seu pitoresco recanto, Rodrigues da Silveira morre, desaparecendo assim mais um dos valorosos elementos da velha guarda dos Inspectores Escolares, deixando naquelles que lhe souberam apreciar a retidão de character, a nobresa do coração e o notavel saber, uma triste e dolorosa saudade.

Arthur Magioli

Autonomia Escolar

Foi em virtude de lei que se estabeleceu nas escolas tecnicas da Prefeitura o autogoverno, como regime diciplinar.

São naturais as indecisões que se observaram nestes primeiros anos de experiencia. Que se observaram, e que ainda se observam.

O meio não estava suficientemente preparado para a novidade e sucedeu o que devia succeder. Quando se proclamou a Republica, muita gente pensou que o Brasil ia ser uma vasta «republica» de estudantes. Pensaram tambem que no sistema da autonomia escolar os alunos passariam a fazer tudo quanto lhes aprouvesse. De mais as circunstancias não permitiram se creasse o orgão destinado a uma função inteiramente nova, para o exercicio da qual foi necessario recorrer a outro orgão, responsavel por outras funções importantissimas, e que teria assim de suportar uma sobrecarga de trabalho. Dir-se-á que o diretor da Escola poderia recorrer aos inspetores. Mas os inspetores não poderiam exercer novas funções que não lhes estavam determinadas em lei, e não poderiam no sistema novo exercer funções antigas: era o mesmo que admitir na republica o regime da monarquia. O proprio decreto que estabeleceu o autogoverno, determina que as vagas dos inspetores não serão preenchidas; esqueceu-se, porem, de dizer o que ficariam eles fazendo na Escola onde se instituiu o novo regime. Como se vê, foram muito naturais as dificuldades que se observaram e que ainda se notam.

Como na Escola João Alfredo está em ensaios o novo sistema, e como o di-

retor da Escola está muito satisfeito com ele, é talvez interessante saber-se como o diretor, sempre de acôrdo e com o auxilio do Departamento de Educação, está procurando resolver aquelas dificuldades.

Antes, porem, a definição do sistema. O autogoverno é o regime diciplinar que tem por fim a educação da liberdade e a do sentimento da responsabilidade. Nesta revista, destinada principalmente aos educadores, são dispensaveis maiores esclarecimentos. E' na familia e na escola, principalmente nos internatos, e muito principalmente nos internatos de assistencia, que se terá de fazer aquela educação. Em que outro logar ela se teria de fazer? A sua utilidade é evidente: enorme a confusão entre o uso e o abuso da liberdade; constante o abandono em que se deixa o sentimento da responsabilidade; crece quasi de dia para dia o numero e a gravidade dos males decorrentes daquela confusão, e deste abandono. De utilidade evidente, salta, por outro lado, aos olhos a enorme dificuldade dos que procuram fazer aquela correção, constantemente perturbada pelos maus exemplos da gente grande e da gente grauda, persuadidas de que as creanças e os jovens são cegos e surdos.

Vamos vêr agora como a Escola João Alfredo está procurado resolver as dificuldades. Devo dizer, e o faço com intensa alegria, que toda a Escola atendeu ao meu apêlo. Do vice-diretor ao trabalhador da chacara, os professores, o instrutor tecnico chefe, os instrutores, os inspetores, o pessoal subalterno, os alunos, todos têm feito o possivel para conservar e melhorar cada vês mais o novo regime.

A autonomia escolar é uma educação. Logo, requer educadores. A dedicação opera maravilhas. Hoje não ha na Escola um só funcionario que não esteja convencido da sua função educativa no sector em que desenvolve a sua atividade. A perfeição não é deste mundo: as imperfeições vão sendo desculpadas, porque ha vontade de acertar. E vamos indo, esperando melhores dias. Faço muita questão de vêr a Escola visitada por professores, por pessoas estranhas ao magisterio, pelas familias dos alunos, visitas a qualquer hora e de surpresa, e todos me dizem que a Escola João Alfredo parece uma grande familia.

Deus sabe que distribuo imediatamen-

te por todos os meus companheiros o grande premio, que representa elogio de tal ordem.

O novo sistema entrega a diciplina aos alunos, orientados por todos nós. Os tresentos alunos são divididos em seis turmas de cincoenta cada uma. Cada turma tem um monitor e um submonitor. Tres turmas constituem uma ala. Ha, portanto, duas alas, cada uma com o monitor de ala. O monitor geral dirige as duas alas. Estes são os encarregados da diciplina propriamente dita. Ha, porem, os monitores especializados que auxiliam outros serviços: o monitor da secretaria, o do almoxarifado, o da rouparia, o da enfermaria, o do gabinete dentario. Ha ainda os monitores de certas aulas: o da aula de fisica, o de historia natural, o da quimica, o do desenho, o de modelagem, o de eletro-tecnica. E vamos assim. Muita alegria. Muita cordialidade. E vamos andando, sempre á espera de melhores tempos.

As aulas de religião estão prestando auxilio de primeira ordem ao novo regime. A religião é para ser vivida. Nas aulas os professores e as professoras aproveitam as oportunidades para a doutrina sobre as faltas cometidas. A autoridade é obedecida porque representa Deus, nosso Senhor. O representante da autoridade vale tanto como a propria autoridade. As ordens vem de Deus. O diretor da Escola não é Fulano, nem Sicrano, é o Exmo. Sr. Serviço, a quem o diretor é o primeiro a obedecer. E vamos indo.

O resto só vendo. Todos estão convidados para vêr. Vêr, criticar, aconselhar. A Escola já comparece a qualquer festa, ou a qualquer visita, dirigida por si propria. Aos sinais de apito do monitor geral, todos se movem rapida e harmoniosamente.

Na manhã do dia 7 de Setembro um garotinho do curso de admissão, caboclinho de olhos vivos, já uniformizado para a formatura, aproxima-se de um colega maior, bate o pé, tóca com a mão direita o braço do outro, e solta entusiasmado esta exclamação, em que ele resumia a certeza da vitoria: «Vamos desacatar»

Os educadores compreendem o que senti, ouvindo aquele grito: eles iam sozinhos á parada. O que senti, e o que sinto neste instante.

JOSE' PIRAGIBE.

A Revista Nacional de Educação

(Do trabalho apresentado pelo dr. M. A. Teixeira de Freitas, diretor de Estatística do M. da Educação, como contribuição para o Plano Nacional de Educação)

Quando o Governo Provisório quiz baixar medidas legislativas que favorecessem o comércio e a industria cinematográfica, determinou a comissão encarregada de planejar essas medidas que procurasse um meio prático de obter daquelas atividades econômicas o maior concurso possível em benefício da educação popular.

Assim, o decreto n. 21.240, de 4 de abril de 1932, se estabeleceu favores valiosíssimos em benefício dos produtores e exibidores cinematografistas, destes obteve que, sem desembolso dos seus lucros legítimos, contribuissem para um fundo de cultura popular, mediante pagamento de uma taxa módica que ainda era menos do que custava antes a censura policial em cada local de exibição, e que retribuía a vantajosa censura nacional pela qual se liberavam de uma só vez os filmes censurados para a livre circulação em todo o território da Republica.

O fundo constituído pela renda dessa taxa deveria destinar-se á criação do «Instituto Cinematográfico Educativo». E como já fosse avultando os seus depósitos sem que se criasse o Instituto, resolveu o ministro da Educação, por iniciativa dos professores Rognete Pinto e Lourenço Filho, que uma parte modesta daqueles recursos servisse para editar e distribuir gratuitamente um mensário—a «Revista Nacional de Educação», destinada a levar «a todos os lares o conforto da ciência e da arte».

Iniciada em edições modestas, a revista chegou a circular com 15.000 exemplares, carinhosamente distribuídos sob registro pela Diretoria de Informações, Estatística e Divulgação a qual tomara a seu cargo, sem onus especial para o governo, toda a correspondência necessária a esse serviço, esforçando-se por fazer chegar o mensário a todos os municípios do Brasil cada um dos quais recebia pelos menos tres exemplares, destinados de

preferência a bibliotecas, associações e educandários.

O êxito da iniciativa foi inédito e deveras edificante. O arquivo da correspondência dos destinatários da revista revela comovedoramente a grande lacuna que ela veio preencher e o inestimável serviço que prestou, constituindo, durante quasi dois anos, a contribuição levada pelo governo nacional á grande obra de educação popular.

Ora, mesmo que se distribuam gratuitamente livros didáticos e o material para as escolas; mesmo que se editem e distribuam gratis ou por preço módico os volumes da já lembrada biblioteca brasileira de educação técnica; mesmo assim não estará cumprida a sua missão educativa de caráter popular, a qual comporta ainda muitas outras atividades, mas necessariamente esta: a de oferecer a cada um dos brasileiros pobres uma migalha de pão espiritual — a «Revista de Educação»—que o ponha em contacto com a grande vida da nação e do mundo, que lhe desperte o gosto pelas cousas do espirito, que lhe avivente as nobres aspirações, que lhe permita não esquecer a técnica da leitura aprendida na escola, que o acostume a amar o conforto do lar, a beleza da vida, a alegria da ação criadora e a grandeza da Pátria.

A Revista, que chegou a ser editada, como já se disse, em 15.000 exemplares, tinha mais de 200 mil leitores. Se ela reaparecer, subirá rapidamente de tiragem, e realizará a mais profunda obra cultural já tentada na América do Sul. Não é preciso que se apresente luxuosa, para bem cumprir o seu destino. Modestíssima que seja, como o foi em sua primeira fase, bem desempenhará assim mesmo sua extraordinaria missão cultural e educativa. Mas é preciso que renasça quanto antes. E que renasça sob signos mais propícios, a coberto de novos riscos de desaparecimento,

Ora, esse tão nobre ideal—de assegurar ás camadas populares — das cidades ou dos campos — um pouco de alimento espiritual, um raio de luz na escuridão da sua pobreza; —de forjar facilmente, através dessa leitura, uma sã vontade e uma limpada consciência coletiva no seio das classes menos favorecidas da fortuna; esse ideal, que é a unica forma de contrabater as leituras venenosas que subrepticamente já vão atingindo aquelas classes, parece que será bem um dos mais belos objetivos do Plano Nacional de Educação.

O Hino Nacional em texto definitivo

Um projeto enviado á Camara pelo Sr. Presidente da Republica

Acaba de ser mandado á Camara dos Deputados pelo Presidente da Republica o projeto de lei, que regula o canto do Hino Nacional e dos hinos civicos. Passamos a transcrever o texto da exposição de motivos do Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação, ao encaminhar ao Presidente da Republica o projeto de lei elaborado pela comissão de tecnicos, musicos e homens de letras, que foram encarregados pelo Ministerio da Educação de estudar as providencias que, oficialmente deveriam ser tomadas em relação a tão delicada materia.

Exposição de motivos:

«Sr. Presidente: — Tenho a honra de apresentar a V. Ex. um projeto de lei, para ser remittido ao Poder Legislativo, caso mereça a sua aprovação.

Este projeto tem por objetivo principal regular o canto do Hino Nacional.

A musica do Hino Nacional, da autoria de Francisco Manuel da Silva, está sendo executada, em todo o país, com defeitos que compromettem a pureza original dessa grande obra. Cumpre, de uma vez por todas, suprimir estes defeitos, de modo que se mantenha a autenticidade do texto musical daquele notavel compositor brasileiro.

Por outro lado, o poema do Hino Nacional, de autoria de Joaquim Ozorio Duque Estrada, contem expressões reconhecidas como defeituosas no sentido ou na forma, pela opinião publica em geral.

Não seria prudente conservar, em caráter definitivo, na sua atual versão, o poema do Hino Nacional.

Para estudar as providencias que oficialmente deveriam ser tomadas relativamente a tão delicada materia, constitui, por sugestão do maestro H. Vila Lobos, uma comissão de musicos e homens de letras, da qual fazem parte representantes autorizados do Exército e da Marinha. Esta comissão se compoe dos Srs. Francisco Braga, H. Vila Lobos, Oswaldo Cabral, Arsenio Fernandes Porto, Andrade Muricy, Manuel Bandeira e Olegario Mariano.

Depois de longos trabalhos, a comissão aprovou o texto do projeto da lei, que ora

submeto á sua elevada consideração.

Trata o projeto de dar á execução da musica do Hino Nacional a sua feição definitiva.

Com relação á letra, conserva-se a primeira parte do poema de Joaquim Ozorio Duque Estrada, introduzindo-se-lhe algumas modificações, que sem duvida lhe aprimoram o sentido e a forma.

Cogita ainda o projeto do canto e da musica dos três hinos civicos: o Hino da Independencia, o Hino da Republica e o Hino á Bandeira, estabelecendo disposições relativas á sua regulamentação definitiva.

Reitero a V. Ex. os protestos da minha respeitosa consideração. — a) *Gustavo Capanema*

E' o seguinte o texto do projeto de lei em apreço:

PROJETO DE LEI

Regula o canto do Hino Nacional e dos hinos civicos da Nação Brasileira.

Art. 1 — E' obrigatorio, em todo o país, nos estabelecimentos de ensino, superiores, secundarios, profissionaes e primarios, e nas demais instituições de finalidades educativas, mantidas ou não pelos poderes publicos, o canto um unisono, do Hino Nacional.

Art. 2 — O Hino Nacional será cantado com o poema da autoria originaria de Joaquim Ozorio Duque Estrada, fixada definitivamente no texto seguinte:

Ouviram do Ipiranga as margens placidas
Da Independencia o grito retumbante.
E o sol da liberdade, em raios fúlgido,
Brilhou no céu da Patria nesse instante.

Se o penhor dessa victoria

Conseguimos conquistar com braço forte,
O' Brasil, por tua gloria
Desafia o nosso peito a propria morte!

Brasil um claro sonho, um raio vivido
De fé no teu destino ás almas desce,
Quando em teu bello céu risonho e limpido
A imagem do Cruzeiro resplandence.

Fadada pela mão da natureza.
E's nobre, ó doce patria generosa
E o teu futuro encerra esta grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil
E's tu, Brasil
O Patria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

Paragrafo unico — Fica suprimida a segunda parte do poema de Joaquim Ozorio Duque Estrada, com a qual ora se repete a muem um unisono, do Hino Nacional.

Art. 3 — E' mantido, de maneira definitiva, para o Hino Nacional, o texto musical autentico de Francisco Manuel da Silva, com o seu carater marcial.

Paragrafo unico — Fica suprimida, no Hino Nacional, a ligação melódica, da exclusiva autoria de Alberto Nepomuceno, sobre as palavras, tambem suprimidas:

O' patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Art. 4 — No canto do Hino Nacional, sem acompanhamento instrumental, far-se-á uma pausa no lugar da ligação melódica a que alude o paragrafo unico do artigo anterior.

Art. 5 — E' obrigatoria a tonalidade de fá, quer para o canto, quer para a orquestração para bandas e para fanfarras do Hino Nacional.

Art. 6. — Será aberto, pelo Ministerio da Educação e Saúde, concurso para orquestração e instrumentação do Hino Nacional.

§ 1.º — O Ministro da Educação e Saúde baixará instrucções que regulem a execução do concurso.

§ 2.º — Os trabalhos apresentados serão julgados por uma comissão de cinco técnicos designados pelo Ministro da Educação e Saúde.

§ 3.º — A comissão a que alude o paragrafo anterior poderá recusar os trabalhos apresentados, abrindo-se novo concurso.

§ 4.º — Serão conferidos os seguintes premios aos trabalhos escolhidos: 30:000\$000, ao trabalho destinado a grande orquestra; 15:000\$ ao trabalho a pequena orquestra; 20:000\$, ao trabalho de instrumentação para bandas; e... 8:000\$000, ao trabalho de instrumentação para fanfarras.

Art. 7 — Depois do concurso de que trata o artigo anterior, o Ministerio da Educação e Saúde fará uma edição definitiva das parti-

turas premiadas, que serão obrigatorias.

Art. 8. — O Ministerio da Educação e Saúde fará uma edição definitiva do Hino Nacional, para canto, baseada no trabalho de Alberto Nepomuceno, com as modificações constantes da presente lei.

Art. 9. — O Poder Executivo expedirá decretos, regulando por fórmula definitiva, o canto, a orquestração e a instrumentação para bandas e para fanfarras do Hino da Republica e do Hino á Bandeira, que ficam considerados Hinos civicos da Nação Brasileira.

Paragrafo unico. — O Ministerio da Educação e Saúde fará as necessarias edições da musica e do canto dos hinos civicos.

Art. 10. — No dia 7 de Setembro de cada ano (dia da Patria) ás 16 horas, momento a que se chamará Hora da Independencia, se farão em todas as cidades e demais povoações do país, uma ou mais concentrações escolares, para canto, em unisono, do Hino Nacional, e dos hinos civicos.

Paragrafo unico — Os poderes publicos farão revestir de solenidades tais festas, dando-lhes ao mesmo tempo carater popular.

Art. 11. — O Ministerio da Educação e Saúde promoverá a gravação, em discos, do canto e da musica do Hino Nacional, e dos hinos civicos, sendo o canto executado por orfeão, e a musica, por grande e pequena orquestra, por banda e por fanfarra.

Art. 12. — As estações de radio de todo o país serão obrigadas a adotar os discos, de de que trata o art. anterior, na irradiação diária do Hino Nacional.

Art. 13. — E' permitida, salvo nas ceremonias officiais e nas festas patrioticas, a execução de arranjos artisticos do Hino Nacional e dos hinos civicos, tanto vocais como instrumentais com o carater de obra individual.

Art. 14. — Ninguém será admitido ao serviço publico efetivo, em todo o país, sem fazer a demonstração de conhecer praticamente o canto do Hino Nacional.

Art. 15. — A instituição, que préviamente intimada, deixar de cumprir as disposições da presente lei, terá proibido o seu funcionamento pefa autoridade competente.

Art. 16. — Para atender ás despesas decorrentes da execução desta lei, fica o Poder Executivo autorizado a abrir o credito especial de 200:000\$000, que correrá por conta dos recursos de que trata o art. 166 da Constituição.

Art. 17. — Revogam-se as disposições em contrario.»

Língua Materna

PROJECTIL ou PROJÉCTIL ?

Pode considerar-se o assunto como esgotado, de modo tão exausto tem sido êle discutido por gramáticos brasileiros e portugueses.

Em Portugal voga a prosódia projectil, com o plural projecteis. Aqui é corrente a pronúncia projectil, com o plural projectis. São ambas defensáveis e não há por que se acuse uma de errônea e se dê a outra como certa.

Figueiredo procurou condenar, por má, a terminação aguda, mas sem razão.

Positivamente pode pronunciar-se projectil, projecteis, projectil, projectis.

Há grande número de adjectivos terminados em *il*, breves e com o plural em *eis*, como dócil, dúctil, eréctil, estéril, fértil, frágil, fútil, grácil, hábil, ignóbil, lábil, núbil, portátil, réptil, séctil, serrátil, séssil, ténxil, útil, vibrátil, etc. etc...

Também há regular número de adjectivos em *il*, longos, com o plural em *is*: fabril, febril, gentil, infantil, pueril, senhoril, senil, subtil ou sutil, vigil, veronil, vil, etc...

Projectil foi adjectivo, mas hoje é substantivo e quase todos os substantivos em *il*, sinão todos, são agudos e fazem o plural em *is*: abril, adail, aguazil, alcantil, anil, ardil, arfil, arratil, barril, Brasil, buril, cadil, candil, caril, carril, cauril, corasil, corpazil, esmeril, espondil, estil, funil, fusil, garotil, gomil, gradil, guazil, hastil, lambril, manchil, madril, mancril, mandil, mongil, peitoril, pernil, quadril, etc. etc...

Depois de ter eu alfabetado mais de 50 substantivos em *il*, achei uma lista quase completa desses nomes nos «Factos da linguagem», de Heraclito Graça, onde o assunto foi, para assim dizer, liquidado.

O erudito e saudoso compatriota opina por projectil, com acento na última sílaba, e dele são estas palavras:

«Projectil não nos veio nem podia vir directamente do latim, onde parece nunca existiu; recebemo-lo do francês *projectile*.

A Littré, é certo, lembrou derivar *projectile* do latim hipotético *projectilis*, supino, e *projectus*, participio passado do verbo *projicere*. E' também a etimologia que ao português *projectil* atribue o Dicionário contemporâneo, juntamente com o *Etimológico*, do sr. Adolfo Coelho. Mas, os dicionários de Constâncio e Lacerda, mais de acôrdo com a verdade histórica que desvanece hipóteses e não comporta conjecturas, dizem que *projectil* provém directamente do francês *projectile*.

Ora, sendo aguda no francês a palavra *projectile*, é mais natural que também agudo seja o português *projectil* que lhe tomamos. E quando *projectil* venha a ligar-se ao latim *projectus*, que em português deu *projecto*, igual no sentido ao moderno *projectil*, ainda assim de *projecto* se deve formar *projectil* e não *projectil*, como de *cova*, *covil* — de *haste*, *hastil* — de *carro*, *carril* — de *peito*, *peitoril*, etc. ...»

O mais recente de nossos dicionários, o etimológico do sr. Antenor Veras Nascentes, escrito muito depois de ter aparecido o livro de Heraclito Graça, nada adianta. Consigna este mal escrito verbete: «Projectil — Do fr. *projectile*. A. Coelho tirou do lat. *projectile*, que aliás não existe. A acentuação mostra bem a origem. A indústria francesa de canhões e *projectis* é bem conhecida no mundo inteiro; é possível, pois, que de França tivesse vindo o vocábulo.»

A dúvida principal é relativa à prosódia e o sr. Nascentes, para justificar a etimologia, apresenta a pronúncia como indubitável. Do ser bem conhecida no mundo inteiro a indústria francesa de canhões nada pode concluir-se e o verbete extravagante, com o *mostra bem, é bem conhecida*, etc., nada esclarece.

* * *

O nome do autor dos «Factos da linguagem», é comumente pronunciado Heráclito, por confusão com Heráclo. Há-de ser Heraclito, paroxitônico, conforme já ficou sobejamente demonstrado em outro lugar...

P. A. PINTO.

Biblioteca Escolar

(Ao dr. Cristiano Machado)

O problema da organização da vida acha-se na escola, e o problema desta, pôde-se dizer, está na biblioteca escolar. O ensino da escola dará aos alunos instrução e trabalho, segundo a formula ativa, que é *aprender fazendo*. A biblioteca tornar-se-á a garantidora e a continuadora dêsse ensino pela vida inteira.

Desde o jardim da infancia até a universidade, a classe deverá encontrar, adaptada em sua organização e funcionamento aos diversos períodos escolares, a biblioteca, considerada como uma disciplina, que será incluída no horário de todo e qualquer curso.

A adaptação da biblioteca escolar ao jardim da infancia terá que orientar-se por um plano habilmente feito para quem ainda não sabe lêr. Será uma biblioteca destinada aos analfabetos, o que á primeira vista parece contrassenso. Ela se formará de livros de gravuras apropriadas á idade infantil, livros para as crianças apreciarem e imitarem, preparando seus cadernos de garranchos e garatujas. Tais livros serão apresentados pelas professoras, que não de interpretar para a classe as histórias ali desenhadas. E a classe aprenderá também a contar por meio do desenho suas próprias histórias. A criança, bem sabemos nós, gosta muito de rabiscar, e por isso ser-lhe-á ocupação agradável imitar os desenhos dos livros ou fantasiar suas garatujas.

Toda a vantagem educativa provirá da boa organização e funcionamento dessa primeira biblioteca, que ha de atender á idade dos alunos, atraindo a atenção dêles para a graça ou beleza das gravuras e para as histórias que a professora souber desprender das mesmas.

No grupo escolar a biblioteca deverá ter desde o principio sala própria, com a sua instalação muitissimo atraente. Adornando as paredes encontrar-se-ão estampas escolhidas, fotografias de escritores e poetas brasileiros, quadros com dizeres apropriados, um excelente mapa do Brasil. Além de livros, terá a biblioteca escolar

jornais e revistas infantis. Quanto aos livros, tomei desde logo a iniciativa de tornar bem conhecida esta informação, distribuindo-a em cópias mimeografadas:

A comissão, criada pelo ministro dr. Gustavo Capanema para organizar uma lista de obras de literatura infantil, elegeu como seu presidente o ilustre professor Lourenço Filho, e desde maio até dezembro de 1936 examinou e classificou 209 livros pertencentes áquela literatura.

Nos ultimos dias de dezembro a comissão mandou publicar uma lista de vinte livros, que lhe pareceram especialmente recomendaveis.

A Escola Normal de Belo Horizonte foi a primeira que adotou, no Estado de Minas, a mencionada lista, composta dos seguintes livros:

—Monteiro Lobato, *Fabulas; Memórias de Emilia, D. Quixote das Crianças*.

—Viriato Correia, *Meu torrão, História do Brasil para crianças. Era uma vez*.

—Gondin da Fonseca, *Contos do país das fadas*.

—C. Brandenburger, *Lendas dos nossos indios*.

—Olga Ferraz Kehl, *Uma história verdadeira*.

—Paulo Ribeiro de Magalhães, *Histórias do mato virgem*.

—Oswaldo Orico, *Histórias do Pai João*.

—Erico Verissimo, *Os três porquinhos*.

—Collodi, *Pinocchio*, trad. de Mary Baxler Lee.

—R. L. Stevenson, *A ilha do tesouro*, trad. de Pepita Leão.

—E. Laboulaye, *Faisca e Maneco*, trad. de Haydée Issac N. Lina.

—Guilherme Hauff, *Contos orientais*, trad. de Lina Hirsch.

—Julia Lopes de Almeida e Afonso Lopes de Almeida, *A árvore*.

—Anderson, *Contos*, trad. de Monteiro Lobato.

—Grim, *Contos*, trad. de Monteiro Lobato.

—Jahana Spyri, *Heidi*, trad. de Pepita Leão.

A biblioteca para o curso secundário requer uma organização esmerada, que conduza á finalidade de caráter básico, peculiar a êsse curso. Todo o corpo docente do ginásio deve colaborar nessa organização, recomendando os melhores livros sobre cada uma das matérias do respectivo programa. O horário do estabelecimento consignará o tempo, diariamente reservado para as classes frequentarem a biblioteca.

Relativamente á instalação desta em os outros cursos da vida escolar, as normas já expostas terão de ser seguidas; obras apropriadas a cada um dos cursos; cooperação do corpo docente na escolha das mesmas; frequência da biblioteca incluída no horário.

Nas linhas precedentes deixei de ferir o ponto principal da questão, que vem a ser o bibliotecário. Tem-se considerado êste cargo como administrativo, quando é êle, principalmente, tecnico. Ai reside a causa de não dar a biblioteca os frutos desejados. Dêsse modo, ainda que bem instalada, ela será apenas uma sala de leitura.

O notável clássico Visconde de Castilho usa da expressão professor bibliotecário, que caracteriza bem a biblioteca escolar. Esta é aula de leitura metódica, orientada por um professor, que possua sólidos conhecimentos gerais, e se tenha especializado em biblioteconomia. Então, sim, a biblioteca transformar-se-á em escola da vida, em verdadeira continuadora da educação.

O professor bibliotecário organizará diariamente, para cada classe, o programa da aula de biblioteca, e recomendará aos alunos que, depois de lerem uma obra, escrevam em seus cadernos o sumário respectivo e as impressões despertadas. Será conveniente o uso do dicionário, dando o professor as explicações que lhe forem pedidas.

Julgo acertado adotar-se na biblioteca o *Calendário Escolar* que publiquei. Para êsse fim registrar-se-á em um quadro negro o fato de cada dia, e se observará o meio de usar o Calendário, como no mesmo vem explicado. Desta fórmula, apresentar-se-ão sucessivamente á classe as datas

principais da história do Brasil e da história da civilização, podendo o bibliotecário comentá-las em breves termos, se assim lhe parecer bem.

Convirá levar a classe em excursão ás bibliotecas publicas, ás livrarias, ás redações de jornais e ás tipografias da sede escolar, distribuindo-se nessas ocasiões aos alunos, si fôr possível, jornais e revistas, anuncios e catálogos de livros.

Adstrita ao presente plano, a biblioteca escolar será capaz de garantir os valores recebidos da escola, visto ter preparado os alunos para desenvolvê-los através da vida, graças ao saber e á experiencia, que continuarem a adquirir por meio do estudo metódico, firmado em livros de primeira ordem.

E' mais que tempo de tratar de nossa inteligência. Em regra geral, cuida-se dos dentes, dos cabelos, da higiene, da alimentação, do vestuário e das diversões, porém, só excepcionalmente, em o nosso meio social, se cuida da inteligência, passando a grande maioria, já não digo sem o estudo diário, mas sem a simples leitura de um bom livro ou de uma boa revista.

Proponho que sejam adotados na legislação escolar os seguintes dispositivos:

Art. X—Em todos os cursos, desde a escola infantil até a escola superior, instituir-se-á uma biblioteca escolar, equiparada a qualquer outra disciplina do curso, tendo frequência obrigatória, fazendo parte do horário e do programa de ensino.

Art. X—A biblioteca será considerada como sucessora legitima da escola, para o que cumpre prepará-la e dirigi-la de modo a formar entre os alunos o hábito do estudo metódico e proficuo.

Art. X—Ao professor bibliotecário, assim denominado, cabe reger o estudo da classe e orientar a organização do arquivo do aluno.

Art. X—O professor bibliotecário terá auxiliares, que lhe forem necessários para manter na devida ordem a organização e o funcionamento da biblioteca.

FIRMINO COSTA.

Tres Palavrinhas

TRAJECTORIA.—Sempre me pareceu que ninguém tivesse dúvida acerca do accento tónico desta palavra. Foi, pois, com surpresa, e surpresa enorme, que ouvi há dias pronunciar o locutor, no cinema falante, *trajectoria* (accento na penúltima syllaba). Explicava a fita, em portuguez, conhecido traductor de legendas cinematographicas, de nome portuguez ou brasileiro, conhecidissimo de todos os que frequentam o cinema. Pois será crível que esse brasileiro ou lusitano, de viver nos Estados Unidos perdesse o contacto com a lingua materna, a ponto de dizer *trajectoria*? O peor é que não tardarão a apparecer imitadores...

PECULIO.—Foi no Instituto Nacional de Previdencia que ocorreu o facto. Um contribuinte, dirigindo-se ao funcionario, pede informação a respeito do *pécúlio* (accento tónico em *pé*) a que teria direito sua familia! E' inacreditavel, mas verdadeiro. E com que esforço pronunciava o cavalheiro: *pécúlio*! Semelhante, só o caso de *herculeo*, a que me vou referir.

HERCULEO.—Esta agora foi ouvida na *Hora do Brasil*, em Setembro de 1937. A *Hora do Brasil* é infelizmente, no rádio, em materia de prosodia, verdadeiro desastre. O locutor aludiu ao *esforço herculeo* do governo para dominar o communismo. *Herculeo*, com accento tónico sobre a primeira syllaba! Grande era, herculeo mesmo, o esforço que despendia o pobre homem para pronunciar errado. Dava pena!

MESTRE-ESCOLA.

Educação Moral e Civica

DIREITOS E DEVERES

A pessoa humana possui *direitos*, isto é, faculdades e garantias. Tem o direito de viver, de crescer, de possuir bens, de estudar, aprender, instruir-se, de agir deste ou d'aquelle modo. Cada um de nós sente que taes direitos lhe competem, mas não os reivindica apenas para si: reconhece-os também aos demais.

Si meu direito é violado, minha consciencia protesta contra a violencia, mas não menos reclama si fôr agredido o direito de meu semelhante.

Os direitos têm sua origem no proprio sentimento que temos da condição humana. O homem deve fazer o bem, esse é seu dever.

assim como a lei moral lhe impõe deveres, concede-lhe também direitos, pois estes decorrem, para cada um, do cumprimento do dever por parte dos demais. Dahi se deprehendem ao mesmo tempo duas coisas: que o meu direito resulta dos deveres de todos, e que os meus direitos têm uma limitação necessaria, determinada pela collisão com os direitos de meus semelhantes.

Ha entretanto muito maior amplitude nos deveres do que nos direitos, porque possuímos numerosos deveres, a que não correspondem quaesquer direitos. São deveres para conosco, deveres provenientes da nobreza e da dignidade de nossa vocação humana.

Possuímos deveres não só para os que os têm conosco, mas ainda para com aquelles que não os podem ter, taes como as crianças, os loucos, os animaes, etc. Temos deveres até para com os que violam nossos direitos e nos fazem o mal!

A VITUDE

Chamamos *virtude* ao habito de cumprir os deveres que nos impõe a lei moral. A palavra *virtude* significa etymologicamente força; em verdade, só se adquire com esforço e quando adquirida é a nossa propria força, o prestigio com que nos impomos a nossos semelhantes.

O habito de agir conforme ao dever, adquirido pela repetição frequente de actos moralmente bons.

E' a definição de Aristóteles, que ainda hoje normalmente se adopta: o habito do bem, isto é, uma disposição para fazer o bem, adquirida pela repetição frequente de actos que estejam de conformidade com o dever.

Opposto á virtude, o vicio, ou erro, é a disposição para fazer o mal, produzida pela repetição de actos contrarios ao dever.

E' necessario, porém, que o habito do bem seja intelligente e voluntario. Assim se distingue a virtude da rotina cega, da repetição inconsciente e machinal de actos bons. Do mesmo modo não é vicio, sob o prisma da moral, commetter mal que se ignora.

Por isso é que o P. Lahr (S.J.), combinando as condições necessarias aos actos virtuosos, define a virtude como o habito de obedecer ao dever com intelligencia, amor e energia.

A cada série de deveres corresponde uma virtude particular, que é o cumprimento habitual desses deveres. São modalidades da virtude; não são propriamente virtudes particulares, nem virtudes menores.

O. S. REIS

Educação Rural

Exma. Sra. Superintendente, Snrs. Fiscais, queridas colegas.

Organizada pela Sra. Superintendente da 14.^a Circunscrição a série de palestras educativas, coube-me dizer alguma cousa sobre a horta como centro de interesse.

Estas palestras, si bem que nos tirem alguns momentos de descanso, trazem-nos, todavia, resultados apreciaveis por nos obrigarem a uma troca de ideias sobre assuntos de vivo interesse, para nós professores, aos quais está entregue grandiosa obra de realisação no Brasil.

Sendo a Agricultura a base do progresso de um país, é para ella que devem convergir todas as energias que concorram para o seu completo desenvolvimento.

Entre nós muito pouco se tem feito até agora e esse descaso pelos trabalhos do campo tem feito com que ainda sejam empregados, entre os nossos lavradores, os processos primitivos usados pelos nossos colonizadores.

A mocidade procurou se dedicar sempre a outras ciencias e outras técnicas, e, poucos têm sido aqueles que procuram conhecer e se dedicar á ciencia da exploração da terra.

Nas nossas escolas não se ensinava ás crianças a constituição do solo e seu papel como fornecedor de alimentos aos homens e materia prima ás industrias, senão muito superficialmente; muito menos eram ensinadas as causas uteis da agricultura moderna, o que fez com que o povo que assim se educava, tomasse aversão pelos trabalhos do campo e procurasse, nos centros urbanos, um outro meio de vida cujas actividades lhes fossem menos fatigantes.

Os campos começaram assim a se despoovar, a Agricultura a se resertir da falta de progresso e a Nação começou a se achar fraca para resolver os mais dificeis problemas nacionais.

Reconhecido, felizmente, o grande mal que uma educação defeituosa produziu, apelou-se para a escola primaria, afim de que ella pudesse vir a defender o futuro de nossa nacionalidade, criando então, nas zonas rurais, um ambiente favoravel á Agricultura.

Quais, portanto, os grandes deveres do educador rural?

Encaminhar as crianças para o convívio com a natureza, faze-las sentir que, cultivando os campos, ellas estão concorrendo para

o engrandecimento da Patria e que são, portanto, parcelas de alto valor e grandes alicerces do progresso da Patria.

A criança que se põe em contato com a natureza, que aprende a cultivar os campos, adquire iniciativa, torna-se mais paciente, perseverante e alegre.

Para cumprir um programma de zona rural pôde o professor lançar não de varios assuntos como centros de interesse: a horta, o pomar, a lavoura, o jardim, criação de animais uteis, insetos, etc., todos eles apresentando aspéto interessantes, dando margem a uma grande associação dos pontos do programa e apresentando ensinamentos uteis e praticos á criança rural.

Escolhida a horta como ponto de partida, obteremos não só os resultados de uma educação pratica como iremos colher também apreciaveis resultados pelos produtos que ela fornecerá ao preparo da sopa escolar.

Ao escolher o terreno para a organização de uma horta os alunos ficarão conhecendo os diversos tipos de solo, as terras proprias para cada especie de planta, a necessidade dos adubos e a qualidade dos mesmos para melhorar as condições do terreno; ao delimitar a área que se pretende plantar e ao preparar os canteiros terão eles oportunidade de fazer applicação das formas geometricas.

Passam depois a escolher os legumes que devem plantar; aprenderão assim que ha épocas proprias para o plantio de cada especie; seguem-se os cuidados requeridos pelas sementes, escolha, seleção, desinfeção, poder germinativo, exame de saude, etc., tudo isso, praticamente.

No trabalho com as sementes os alunos terão ensejo de adquirir algumas noções de fisica e quimica que estejam dentro do programa.

Para fazerem a sementeira terão que aprender, além da escolha do terreno proprio, a procurar a boa posição dos canteiros para uma completa insolação, a protege-los contra as fortes chuvas e raios solares, etc.. Observadas e experimentadas todas essas cousas os alunos compreenderão, facilmente, quais os elementos indispensaveis a uma boa germinação.

Partindo, pois, do ar, agua e calor, uma serie de ensinamentos se poderão associar taes como: importancia do ar, na vida vegetal e animal; orgãos de respiração, aparelho respiratorio, boa respiração e respiração defeituosa, ar puro e viciado, ventilação, vento, bom

e máo tempo, calor, vapor d'água, reservatórios, vasos comunicantes, abastecimento d'água; sol como fonte de vida, luz natural e artificial, ação do calor sobre os animais e minerais, sistema solar, astros, pontos cardiais, estações, etc.

Passados alguns dias e chegando a época do transplante os alunos terão ensejo de obter conhecimentos de matematica porque irão calcular a distancia a deixar entre as mudas; medirão a palmo, farão o alinhamento por meios também praticos e ficarão ao par dos cuidados exigidos nessa delicada atividade agricola.

Deverá entrar, nessa ocasião um pouco de educação moral, porque o professor, tendo que mostrar a maneira de arrancar as mudas e de conduzi-las ao leito definitivo aproveitará para estabelecer um paralelo entre o vegetal novo e uma criancinha e os cuidados que ás mesmas se deve dispensar.

Nessa fase de desenvolvimento do vegetal poderá a criança estudar, com maior interesse, as partes principais do vegetal e observará as funções de cada uma delas. Poderá o professor chamar-lhes a atenção para o seguinte: cada órgão trabalha em atividades diversas para manter a vida no vegetal; no animal o mesmo acontece em relação á sociedade; cada individuo, trabalhando na sua profissão, concorre para o bem commum e para o engrandecimento da Patria. Os povos modernos procuram, por isso, dar a cada individuo os direitos que lhes assistem como unidades de valor dentro de cada camada social. E é a isso que se denomina dignidade humana.

Continuando nas atividades agricolas, pois que estas exigem cuidados permanentes, as crianças ficarão conhecendo as pragas que devastam as plantações, os insétoes uteis e os nocivos, aprenderão a protege-los, ou combater-los e ficarão conhecendo a vida desses animais, sua nutrição, abrigo, hábitos de vida, instintos de defesa, metamorfoses, etc. Passarão a estudar os outros animais e finalmente o homem como animal superior na escala zoológica.

Tratando dos animais não se deverá deixar de salientar o papel do sapo como grande amigo do agricultor, visto ser êle o destruidor de lagartas e insétoes e grande devorador das saúvas, não deixando, porém de dar-lhes a conhecer que também são os sapos animais venenosos.

Ensinando, pois, ás crianças a não maltratar os animais, abriremos o espirito das gerações novas a um conhecimento mais claro

das cousas que nos cercam e transformaremos corações rudes em corações brandos.

Torna-las-emos mais compassivas e bondosas e mais observadoras de tudo que a natureza tão prodiga, nos oferece.

Chegada finalmente a época da colheita o professor sentir-se-á feliz com a alegria espontanea partida dos seus alunos e observará o regosijo deles por colherem o fruto dos seus trabalhos.

Um fáto passado na escola 14-15 prova o que digo: na ocasião de ser distribuida a sopa aos alunos eu me referia ao feijão que a mesma continha e que era já produto da pequena horta da escola; o aluno que havia plantado mostrou-se radiante com o que ouvira e fez um apelo espontaneo aos colegas para ampliarem as plantações na escola.

Isto mostra o satisfação e o entusiasmo que eles sentem quando percebem que já estão sendo uteis. Eis, pois, o grande objetivo do ensino agricola; não se trata de formar agricultores, mas simplesmente preparar uma mentalidade capaz de compreender o valor de um trabalho bem orientado.

Uma vês utilizados os produtos da horta, na merenda escolar é oportuno á professora chamar a atenção das crianças para a grande importancia dos vegetais na alimentação; mostrar-lhes-á o valor dos sais minerais como formadores dos nossos tecidos e deverá salientar a importancia das vitaminas no crescimento e desenvolvimento do organismo infantil.

Outros ensinamentos referentes á higiene da alimentação tornam-se indispensaveis para os bons hábitos das crianças. Assim, deveremos aconselha-las a que evitem os legumes crus, a preservar os alimentos da poeira e das moscas, a mastigar bem, a comer a horas certas, etc..

Nas aulas de linguagem e matematica os assuntos deverão se referir aos estudos feitos por observação; por meio de desenho e de recortes organizarão álbuns e quadros que servirão para documentar o que aprenderam.

Assim, obteremos grandes resultados porque as explicações seguidas dos trabalhos, constituem a melhor pratica do metodo intuitivo. O exercicio de raciocinio daqueles que ouviram, viram e fizeram, se exercita de tal forma que as lições ficarão gravadas com mais nitidez.

No ponto de vista moral são multiplas as vantagens do ensino agricola: a do amor ao trabalho, a de um são patriotismo e além disso nascerá, nos pequeninos, o espirito da ordem,

economia e disciplina, predcados estes que tanta falta fazem a muitos brasileiros, de todas as camadas sociais.

No fim de um curso primario em ambiente rural, os nossos alunos pensarão mais facilmente em se aperfeiçoar nas técnicas agricolas.

Da minha observação diaria na escola rural posso afirmar que os alunos que provêm do meio agricola são justamente os que mais se mostram interessados por esse ensino, ao passo que aqueles que vêm de outro meio trazem uma certa repulsa por tudo quanto se relacione á terra.

Para estes, o papel do educador torna-se importantissimo porque é preciso usar de uma grande habilidade afim de modificar-lhes esta aversão pela roça.

Ardua e dificil é a nossa tarefa, como educadores, porém devemos trazer sempre em mente a maxima do nosso saudoso compatriota Oswaldo Cruz. «Não esmorecer para não desmerecer», afim de levarmos avante uma obra de tamanho vulto como a que ora realizamos na 14.^a Circunscrição.

Matilde Marmo.

Diretora da escola Euclides da Cunha

Setor A — (Magarça).

Vai a CAMBUQUIRA?

HOSPEDE-SE

NO

Elite Hotel

O MAIS CONFORTAVEL,

O MAIS PROXIMO

DAS FONTES

Plano de trabalho a ser executado durante o ano de 1937 pelas turmas de 1º ano da Escola Artur Joviano (7-2)

Projeto.

Construção de um circo.

O projéto que se porá em prática no 1.^o ano, foi sugerido pelas próprias crianças, que, apreciando grandemente os animais, e sempre por eles seduzidas, acham no circo uma atração especial, o que não se verifica, por exemplo, nesta zona, com o cinema, por demais silencioso e fatigante para taes organismos, possuidos que são, nesta idade, de movimentos inquietos incapazes de sujeição demorada.

Interessadas no trato e vida dos animais e propensas sempre a folguedos, as crianças encontrarão aí fonte inexgotavel de atividades, por quanto o projéto dará margem a que se trabalhe num ambiente de franca alegria.

Além disso o programa do 1.^o ano que visa o estudo da: — *Casa, Escola, e Localidade* poderá se adaptar perfeitamente ao projeto como veremos a seguir.

Ao cogitarmos do levantamento do circo teremos primeiramente que escolher o local.

Onde construí-lo? Percorrendo o bairro, de rua em rua, observaremos tudo o que fôr interessante com relação a esta parte do programa.

Um pequenino mapa, no qual será traçado o percurso da Escola ao local escolhido, dará ás crianças a idéia de planta do bairro, uma vez que poderão assinalar as principais ruas, praças, etc..

A seguir, começarão a providenciar para a aquisição de material, tais como: tecido para cobertura; madeira para suportes, mastros, arquibancadas; arame, prégos, etc., aproveitando a professora todas as oportunidades para estudar a parte referente ás plantas e aos minerais. (Ciências Naturais).

Depois, a necessidade de dar ao circo sua forma cônica, o picadeiro com seu circulo arenoso, os mastros cilindricos, colocará a criança ciente da parte do programa geométrico.

Todo o trabalho feito em classe, com o concurso da turma aproveitando-se tanto os mais habilidosos como os menos dextros, ora num mistér, ora noutro, deixará perceber ao

aluno o trabalho em colaboração, as tendências, profissões, etc. (Ciências Sociais).

A professora fará mesmo com que o aluno trabalhe naquilo que melhor lhe parecer, contanto que auxilie o trabalho, cooperando para o mesmo fim.

Uma vez construído o circo, proceder-se-á á organização da companhia, isto é terão que aparecer os componentes do elenco.

Como?

Os alunos serão os membros da «troupe» representados por figuras desenhadas e recortadas, figuras que eles irão colecionando, para, na estréia, desempenhar o papel de cada um.

Vem também a parte importante do programa: animais.

Far-se-á, aí, estudo minucioso da vida de cada um, trato que exige para conservar a vida, alimentação, seus hábitos e costumes.

E por meio de figurinhas de animais recortadas e coladas em papelão, bichos modelados em massa plastica, miolo de pão, completar-se-á a companhia. (Ciências Naturais e Modelagem).

Organizado o elenco, a estréia em breve se anunciará.

Será obrigatório o pagamento para assistir ao espectáculo.

Verão, neste caso a necessidade de possuir dinheiro e conhecer o seu valor: vantagem de se saber contar e manejar com os números.

O circo terá um programa. Eles próprios o redigirão.

Desde o começo irão se preocupando com a escrita. (ortografia).

Nas representações, além da exposição de animais, haverá numeros extras como diálogos, poesias, humorismo, etc., visando a professora o interesse que isto despertará, para cuidar da parte de prolação.

Deste modo os programas de Linguagem e Aritmética enquadrar-se-ão perfeitamente no plano.

A parte de Geografia que o programa es-

tuda (sol, chuva, calor, frio) será igualmente observada.

Nos dias de chuvas fortes não haverá função no circo.

Por que?

Explicar-se-ão as razões aproveitando-se para chamar a atenção sobre o tempo, estações, etc..

O afastamento do circo, terminada a temporada, mostrará ás crianças o sistema de vida peregrina que levam as famílias que compõem a companhia, fazendo-as perceber o contraste entre estes seres e nós outros, que temos uma vida mais ou menos sedentária.

Sentirão a alegria, de ter um lar confortável, higiênico, de frequentarem a escola que lhes facilita tudo, enquanto os outros dificilmente disto se ocupam.

Este estudo comparativo não procurará desprestigiar tal ou qual profissão, ao contrario, mostrará ás crianças, que o trabalho, qualquer que seja, é sempre nobre, levando-as, no entanto, a concluir, que outros mistéres que não acarretam tais prejuizos são preferiveis, a não ser que para esta haja vocação inata. (Ciências Sociais e Moral Cívica).

A parte do programa que focalisa a familia precisa ser mencionada com especial carinho, procurando-se inculir no pequenino cérebro das crianças esse principio básico da Sociedade, familia, e escola, para que cresçam imbuidas de sãos principios de Moral, podendo constituir futuramente um todo poderoso formado de células vivas e sadias. (Ciências Sociais e Moral e Cívica).

Eis o plano de trabalho que o 1.º ano pretende executar, valendo-se de um motivo alegre e divertido, para alcançar a finalidade de um programa, que é precisamente, nesta série, a aprendizagem da leitura, escrita e contagem a par de ensinamentos outros, como vimos quando do mesmo tratámos.

Maria Eugenia Vairão.

(da Escola Artur Joviano 7-2)

Banco Hypothecario Lar Brasileiro

S. A. DE CREDITO REAL

==== Rua do Ouvidor, 90 ====

CARTEIRA HYPOTHECARIA — Concede emprestimos a longo prazo para financiamento de construcções. Contractos liberaes. Resgate em prestações mensaes, com o minimo de 1,0/º sobre o valor do emprestimo.

SECÇÃO DE PROPRIEDADES — Encarrega-se da administração, venda de immoveis de qualquer natureza e faz adeantamentos sobre alugueis a receber, mediante commissão modica e juros baixos.

CARTEIRA COMMERCIAL — Faz descontos de effeitos commerciaes e concede emprestimos com garantia de titulos da divida publica e de empresas commerciaes, a juros modicos.

DEPOSITOS — Recebe depositos em conta corrente a vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: *Conta corrente a Vista*, 3,0/º ao anno; *Conta Corrente Limitada*, 5,0/º; *Conta Corrente Particular*, 6,0/º; *Prazo Fixo*: 1 anno, 7,0/º; 2 annos ou mais, 7 1/2,0/º; *Prazo Indefinido* — retiradas com aviso previo de 60 dias, 4,0/º e de 90 dias, 5,0/º ao anno.

EXPEDIENTE

As assinaturas d'«A Escola Primaria» podem ser tomadas, em qualquer época, pelo preço de 12\$000 por anno para o Distrito Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redação d'«A Escola Primaria» — Rua 7 de Setembro, 174— Rio de Janeiro.

As coleções dos annos anteriores são vendidas na mesma redação ao preço de 12\$000 cada anno, em avulsos, e 16\$000 em volumes encadernados. Os pedidos de coleções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 292, — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	1\$500
4.º Livro de Leitura.....	1\$500

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000
6.º Livro de Leitura.....	4\$000

SERIE FIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$200
Cartilha Analitica.....	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	3\$000
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	6\$000
Selecta Classica.....	6\$000

ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	5\$000
Leitura complementar.....	5\$000
Livro de composição.....	5\$000

CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « 3.º Livro.....	5\$000

MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (6.º e 7.º annos).....	4\$000

MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$00
Creanças e Homens.....	3\$000

E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	4\$000
Patria Brasileira.....	4\$000
Theatro Infantil.....	3\$000

ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$000
-----------------------	--------